

ANNIE DARLING

AMOR  
VERDADEIRO  
*na* LIVRARIA  
*dos* CORAÇÕES  
SOLITÁRIOS

Tradução

Cecília Camargo Bartalotti

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2018



VERUS  
EDITORA



*É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, em posse de uma boa fortuna, deve estar em busca de uma esposa.*

**P**eter Hardy, oceanógrafo, era o deus dos namorados. Bonito, loiro e bronzeado por causa de todo aquele tempo que passava mergulhando nos oceanos de lugares exóticos, os olhos tão azuis quanto os mares profundos que mapeava, mas não bonito de um jeito excessivo ou intimidador.

Também era inteligente. Afinal, não dava para ser oceanógrafo sem um punhado de notas A e pelo menos uns dois diplomas. E tinha um ótimo senso de humor: um pouquinho sarcástico, um pouquinho palhaço e particularmente habilidoso para encontrar vídeos hilários de gatos no YouTube.

Mas não pense que os atributos de namorado perfeito de Peter Hardy terminavam aí. Ele sempre se lembrava de ligar para a mãe nas noites de quarta-feira e nos domingos de manhã, era extremamente pontual e, se fosse se atrasar mais que cinco minutos, não que isso acontecesse, mandava uma mensagem de texto pedindo desculpa. Também era generoso e entusiasmado na cama, mas não fazia nada esquisito demais. Peter Hardy jamais pediria que uma garota usasse um macacão de látex cor-de-rosa ou que lhe batesse na cara com uma meia molhada.

Como quer que se olhasse, Peter Hardy era material de primeira, um ideal de virtude dos namorados, e Verity Love, embora fosse filha de um vi-gário e devesse dar o exemplo, ia ter de exterminá-lo na primeira oportu-nidade.

E nenhum momento era melhor do que o presente, Verity pensou, enquanto segurava com força uma taça de pinot noir avinagrado e dava um sorriso sem graça para suas amigas, que ainda estavam babando por Peter Hardy, o namorado extraordinário.

— Ele parece tão maravilhoso. Doce e másculo ao mesmo tempo — disse Posy, cheia de entusiasmo. — Quando a gente vai conhecê-lo pes-soalmente?

— Ah, sabe como é. Ele está tão ocupado com o trabalho. É difícil ele aparecer. Isso está começando a virar um problema porque...

— Nós já entendemos. Você não quer dividir o cara com ninguém. — Nina assentiu com a cabeça. — A gente sabe como é, Very, mas já faz meses e meses. Você não pode manter seu oceanógrafo sexy escondido para sempre.

— Faz mesmo tanto tempo assim? — Claro que fazia. Estavam agora no fim de junho, e Peter havia surgido convenientemente no fim de no-vembro para salvar Verity de aparecer sozinha nas festas de fim de ano. Ela não havia comparecido a quase nenhuma, mas quem poderia culpá-la por dar o cano se estava se regalando nas delícias do oceanógrafo per-feito depois de um jejum de três anos? — Nossa, já faz mais de seis meses! Uau!

— Não seja tão puritana. Com essa história de ele ficar longe por tanto tempo, aposto que vocês ainda estão descobrindo as primeiras delícias do sexo selvagem — disse Nina, prendendo os cabelos atualmente loiro-pla-tinados atrás das orelhas e soltando um curto suspiro. — Ah, eu tenho saudade dessa fase de descobrir as primeiras delícias do sexo selvagem, an-tes de começar a brigar sobre quem vai tirar o lixo ou por que ele parece incapaz de baixar a tampa da privada.

Verity tomou outro gole de vinho. Elas estavam sentadas no pub logo virando a esquina da livraria em que todas trabalhavam, em Bloomsbury,

que antes se chamava Bookends e agora tinha o nome de Felizes para Sempre, desde que Posy a herdara alguns meses antes e a transformara em “uma livraria para atender a todas as suas necessidades de ficção romântica”.

Muitas noites, depois de um dia corrido vendendo livros, a equipe se refugiava no Midnight Bell. Era um pub pequeno, que ainda mantinha intacto o revestimento de madeira Arts & Crafts da década de 30 e azulejos art déco nos banheiros. Também dava para pedir uma garrafa de vinho e dois saquinhos de batatas chips por menos de dez libras antes das oito horas, então quem se importava se o lugar cheirava a cloro da piscina da academia duas portas para baixo e se nunca se podia pôr a bolsa no chão porque ela ficaria toda babada pelo Tess, o cachorro do pub? Tess sentia o cheiro de meio saco de salgadinhos ou de uma maçã esquecida no fundo da bolsa a cinquenta passos de distância.

— Na verdade, por falar no Peter, acho que a gente não vai durar muito tempo mais — Verity disse rapidamente, depois virou o último gole azedo que restava em sua taça e se forçou a olhar para Posy e Nina, que tinham expressões equivalentes de consternação.

— Ah, não!

— Você disse que ele era perfeito!

— Eu não disse que ele era perfeito — Verity protestou. — *Vocês* disseram que ele era perfeito. Eu só disse que ele era bem legal.

— Ele é perfeito. — Posy não seria dissuadida tão fácil. Apesar de ela estar recém-casada, em alguns momentos Verity achava que Posy era mais entusiasmada com Peter Hardy do que ela própria. Se bem que, considerando que Posy havia trocado alianças com o homem mais grosso de Londres, talvez sua preferência por Peter Hardy não fosse tão surpreendente. — Por que você não se agarraria a um homem como esse até suas últimas forças?

— Porque ele nunca vai me amar como ama, hum, os oceanos, e o mar pode ser uma amante muito cruel. — Verity estava certa de que essa última frase tinha vindo de *Moby Dick*. Ou talvez de *Titanic*. Enfim, de algo com muito mar. — Ele está longe o tempo todo e, se as coisas ficarem sérias, se nós tivermos filhos, que tipo de segurança iríamos ter, sabendo

que ele poderia ser comido por um tubarão ou que sua roupa de mergulho poderia rasgar a qualquer minuto?

— Eu não sabia que oceanógrafos trabalhavam em águas infestadas de tubarões — disse Nina, franzindo a testa. — Não existem regras de segurança para esse tipo de coisa?

— Eles são obrigados a assinar um termo de responsabilidade. — Verity decidiu que já era o bastante. Aquilo estava indo longe demais. Ela se levantou com pernas bambas que não eram tão fortes quanto sua resolução. — Eu preciso ir.

— Mas nós nem acabamos a primeira garrafa! — Nina levantou a garrafa em questão para mostrar a Verity o restinho de vinho que ainda havia nela. — E ainda não são nem sete e meia. Está sentindo alguma coisa?

— Por Peter Hardy, oceanógrafo, por exemplo? — Posy perguntou, com um sorriso malicioso.

Verity sacudiu a cabeça enquanto pegava a bolsa.

— Não sei por que você fala o nome dele desse jeito. Como se “oceanógrafo” fosse um sobrenome. Bom, desculpem por sair assim, mas eu avisei que só podia ficar um pouco. Vocês sabem que eu não gosto de passar direto do trabalho para uma situação social.

— Ah, meu Deus, você vai se encontrar com o Peter Hardy agora, não vai? Você vai terminar com ele? — Nina tinha a aparência de uma irmã mais nova de Marilyn Monroe com tatuagens e piercings, mas contou uma vez para Verity que tinha sido uma adolescente desajeitada (“dentuça, com aparelho nos dentes e sem peitos”) e compensava sendo animada. Já fazia muito tempo que isso tinha dado lugar à sua beleza espetacular de pin-up dos anos 50, mas ela continuava com uma expressão exagerada para cada situação. Agora, arregalou os grandes olhos azuis, torceu o nariz e deixou a boca pendendo aberta.

— Ainda não decidi. Talvez. — Verity deslizou do canto onde estava presa e quase caiu em cima de Tess, um robusto staffordshire bull terrier, que chegou correndo para ver se havia alguma batata chips sobrando.

— Mas você não pode terminar com ele antes de apresentá-lo para a gente — lamentou Posy. — Podemos ir também? Só para dizer um “oi”...

— Você não precisa dizer “oi” para ele, você é casada — Verity a lembrou.

Posy fez uma expressão de susto.

— Nossa, é mesmo! Eu vivo esquecendo. — Ela se recompôs. — De qualquer jeito, não estamos nos tempos vitorianos. Mulheres casadas podem dizer “oi” para homens que não são seu marido. — Sacudiu a cabeça e soltou o ar. — Ainda não acredito que tenho um marido. Ai! Sebastian Thorndyke é meu marido. Como isso foi acontecer?

Isso aconteceu em meio ao turbilhão que foram as semanas em que Posy estava relançando a livraria e, por uma série estranha e bizarra de acontecimentos que Verity ainda não conseguira processar, ela se apaixonara por Sebastian, seu arqui-inimigo, e se casara com ele duas semanas atrás no cartório de Camden Town. Mal houve tempo para jogarem confeito no supostamente alegre casal enquanto eles saíam apressados até a estação de St. Pancras para pegar o Eurostar e comemorar em Paris, antes que a tinta secasse na certidão de casamento. Não era surpresa que, quando Posy não estava andando com um sorriso de felicidade extasiada no rosto, ela parecesse um tanto atordoada.

Então Verity usou o atordoamento de Posy para se afastar da mesa de canto no bar.

— Acho que você devia ir para casa agora encontrar o Sebastian. Tecnicamente, vocês ainda estão em lua de mel, não estão?

— Não vá. Não seja uma dessas mulheres que se casam e esquecem os amigos — Nina falou com um beicinho, e, quando Posy virou para ela, Verity aproveitou para correr até a porta, enquanto Nina gritava atrás dela: — Mas por que o Peter Hardy não está no Facebook? Isso é tão estranho!

Era estranho, mas Verity tinha explicado para elas, e sua irmã, Merry, confirmara, que ser um oceanógrafo significava que Peter trabalhava para vários governos e sabia muitas informações confidenciais sobre mudanças climáticas, por isso não tinha permissão para usar redes sociais.

Ou alguma coisa assim.

Tinha chovido enquanto ela estava no pub. Verity sentia o cheiro celestial de chuva no pavimento úmido e quente de verão enquanto caminhava

pelo calçamento de pedras escorregadio da Rochester Street, passando pelas lojas que conhecia tão bem: a delicatessen sueca, a doceria em estilo antigo, as butiques. Verity pensou por um instante em ir para casa, mas o apartamento sobre a Felizes para Sempre que Posy oferecera a ela e Nina sem pagamento de aluguel ainda não tinha a sensação de lar. Além disso, era sexta à noite, o fim de semana estava apenas começando, e Verity tinha rituais e rotinas para as noites de sexta que eram imutáveis.

Contornou a esquina para a Theobald's Road, passando apressada por lojas e escritórios e a imobiliária com as cadeiras Eames em cores vibrantes, depois virou à esquerda na Southampton Row, que estava fervilhando de gente e vivamente iluminada, com pessoas circulando para encontrar amigos ou paradas do lado de fora de barzinhos, em grupos alegres e tagarelas. Verity se enfiou por uma ruazinha estreita à direita, passou por um pub ainda mais charmoso e antiquado que o Midnight Bell e parou quando chegou a um pequeno restaurante italiano. Era pintado de vermelho, as janelas embaçadas de condensação e, quando abriu a porta, ela foi recebida pelo som de pessoas rindo e falando, o retinir de copos e um aroma de alho e ervas que atiçava o olfato.

Verity havia descoberto o Il Fornello em uma sexta-feira à noite alguns anos antes, quando ficava pelas ruas (não desse jeito — ela era filha de um vigário) para adiar a ida para casa, que era um quarto duplo que ela dividia com a irmã Merry em uma casa em Islington que pertencia à filha de um dos paroquianos de seu pai. A família tinha cinco filhos, uma babá espanhola, dois cachorrinhos bichon frisé, um coelho, um casal de porquinhos-da-índia e um peixinho dourado. O barulho e o cheiro eram com frequência insuportáveis. E, para completar, Verity estava solteira havia pouco tempo, depois de três anos com Adam, seu ex-namorado. Não havia sido um rompimento amigável, longe disso, e era muito complicado sofrer em uma casa barulhenta e fedida onde ela nem sequer tinha um quarto só para si.

Então, naquela noite anos atrás, com os pés e o coração doloridos, e ainda que a ideia de jantar sozinha em um restaurante fizesse Verity suar frio, ela fora atraída para o Il Fornello por Luigi, o proprietário, que na ocasião, como agora, veio à porta recebê-la.

— Ah! Srta. Very! Está atrasada esta noite. Quase achamos que não vinha mais. A mesa de sempre?

— Tive que dar uma paradinha no caminho. — Enquanto seguia para sua mesa de sempre (enfiada em um canto para não ser incomodada por algum homem sozinho querendo puxar conversa), Verity olhou para trás para conferir se tinha fechado a porta e deu de cara com Posy e Nina espiando pela janela.

Ah, não era possível que tivessem feito isso!

Mas fizeram!

A curiosidade sobre Peter Hardy, oceanógrafo, tinha sido mais forte que o bom senso e elas a haviam seguido. Agora, com certeza, iam entrar, depois de terem visto Verity paralisada no meio das mesas e balcões rústicos. Seu coração acelerou enquanto o tempo parecia ficar mais lento até parar de repente. Soltou o ar, trêmula. Ficaria tudo bem. Ela podia lidar com aquilo, enfrentar a situação com a cara e a coragem. Só que coragem nunca foi uma palavra que pudesse se aplicar a Verity Love.

Desse modo, tinha apenas duas opções: lutar ou fugir. E Verity sempre escolhia fugir. Podia correr escada acima para o banheiro feminino, trancar a porta e se recusar a sair.

Só que isso não era um plano. Era ridículo. Ela era uma adulta totalmente competente e tinha apenas que encarar a situação e inventar uma desculpa. Dizer que Peter Hardy, oceanógrafo, tinha dado o cano nela, exatamente como ela havia tentado lhes dizer, que ele andava muito distante ultimamente, com oceanos a separá-los e por aí afora. Essa poderia ser a oportunidade perfeita para se livrar dele, mas Verity tinha plena consciência de suas próprias limitações, e improvisar era uma delas.

*Pense! Pense! Pelo amor de Deus, pense!*

Verity olhou desesperadamente em volta, sem notar que Luigi ainda estava a seu lado.

— Ficou muito vermelha, srta. Very. Está se sentindo bem? Está muito quente esta noite, não é? Espero que não esteja ficando doente.

*Só se eu estiver doente de desespero,* Verity pensou, sem saber o que fazer, e foi então que o viu.



Ele estava sentado em uma mesa para dois no fundo do salão, com uma cadeira vazia apenas esperando que ela deslizasse no assento, o que ela fez, torcendo contra todas as probabilidades de que a acompanhante dele não estivesse no banheiro.

O homem franziu a testa e levantou os olhos do celular. Ele era jovem, trinta e poucos anos. Nenhuma tatuagem perceptível no pescoço, não estava vestindo nada horrível, só uma camisa branca simples sob um blusão de um tom semelhante ao azul-esverdeado de seus olhos espantados. *Ele vai servir*, Verity decidiu. *Assim, na emergência, ele vai servir.*

— Olá? — ele disse friamente, em tom de pergunta. Tipo: Quem é você e por que sentou à minha mesa?

Verity arriscou uma olhada para o salão e confirmou que seus piores medos tinham se concretizado. Nina e Posy haviam entrado e estavam olhando em volta, à sua procura. Então Posy a avistou e cutucou Nina, que acenou para ela. Verity se virou para o cliente solitário. Ah, meu Deus, ele não parecia muito feliz.

— Desculpe por isso. Você está sozinho?

Ele olhou para o celular e franziu a testa outra vez. Não que ele tivesse parado em algum momento de franzir a testa, mas franziu com mais força agora.

— Parece que sim. — A expressão se suavizou um pouco e ele lhe deu um sorriso forçado e superficial. — Eu sei que o restaurante está cheio, mas prefiro comer sozinho, se não se imp...

— Very! Não finja que não está vendo a gente!

Verity fechou os olhos e desejou que o fato de não poder ver Nina e Posy significasse que elas também não poderiam vê-la. Infelizmente, a vida nunca era tão generosa.

— Por favor — ela choramingou. — Eu te peço. Só deixe rolar. Por favor.

— Deixar rolar o quê? — ele perguntou, mas era tarde demais. Verity sentiu mãos pousarem pesadas em seus ombros e o forte perfume de rosas de que Nina gostava.

— Very! Não vai nos apresentar?



*É certo que eu não tenho o talento que muita gente  
possui de conversar com desenvoltura  
com pessoas que não conheço.*

Verity manteve os olhos fechados e continuou ali, paralisada, em uma agonia de humilhação. Sua vergonha durou por éons, ou talvez apenas alguns segundos, até que sentiu um ligeiro deslocamento de ar e então algo que dava a sensação de cashmere roçou seu rosto e uma voz disse:

— Eu sou o Johnny.

Relutante, ela abriu os olhos. Ele, o homem, Johnny, tinha se levantado para apertar a mão de Posy e Nina, que vestiu sua expressão confusa.

— Johnny? Então você não é Peter Hardy, oceanógrafo? — Nina ofegou, com um horror alvoroçado na voz. Em algum momento mais tarde, Verity ia matá-la. Depois de lhe dizer umas verdades e algumas palavras impublicáveis. Havia regras sobre esse tipo de coisa. Não se pegava uma amiga hipoteticamente traindo o suposto namorado e a entregava assim para o homem com quem ela o estava traindo. Isso simplesmente não se fazia. Era contra as regras básicas do feminismo.

Johnny olhou para Verity, que fechou os olhos de novo, porque a expressão dele era o completo oposto de encorajadora.

— Não, ele não é o Peter — ela conseguiu dizer, mesmo sendo difícil espremer as palavras pelo nó que se formara em sua garganta e pelo peso

que sua língua assumira. — Eu não falei que ia me encontrar com o Peter. Vocês que imaginaram isso. — Pelo menos agora o pior já tinha passado e Verity podia apenas mentir. Mentir entredentes. Dizer que Johnny era filho de um dos paroquianos de seu pai (os paroquianos de seu pai tinham, convenientemente, muitos filhos) e que eles haviam combinado de se encontrar ali porque ele precisava de orientação espiritual. Embora orientação espiritual fosse mais o departamento de seu pai. — O Johnny é...

— Eu sei que isso ainda é muito recente, mas eu não sabia que você estava saindo com outras pessoas também. Quem é Peter Hardy, oceanógrafo? É alguém com quem eu deva me preocupar?

Verity sentia o calor subindo pelo peito, pescoço e faces. Até o lóbulo de suas orelhas parecia ter sido mergulhado em água fervente. O feitiço tinha virado contra o feiticeiro, “bateu, levou”, como sua família gostava de dizer, e aquilo tudo passara de mau a pior e já beirava o absolutamente catastrófico.

— Verity Love, sua danadinha! — Posy arfava de prazer. — Você nunca disse que estava saindo com dois caras ao mesmo tempo. Isso porque você é filha de um vigário!

Essa era a frase padrão delas sempre que Verity fazia alguma coisa que se desviasse um pouquinho da reta. De falar um palavrão e dizer coisas pouco caridosas sobre participantes de um reality show na tevê a aparentemente jogar dois homens um contra o outro.

— Ah, não, é que... Bom, eu... Não sei o que... — Frases inteiras seriam ótimas. Seriam fantásticas, na verdade. Verity sentiu mãos em seus ombros outra vez, apertando gentilmente, e então Nina apoiou o queixo no alto de sua cabeça.

— Por favor, não faça uma ideia errada sobre a Very — ela disse, e Verity enrijeceu o corpo, preparando-se para a possibilidade de Nina falar demais. Conhecendo a amiga, ela provavelmente contaria a esse estranho que pouco parecia se importar que Peter Hardy deixava Verity sozinha tempo demais quando estava trabalhando em alto-mar e que Verity tinha suas necessidades e por isso não era culpa dela que suas atenções se dis-

persassem. Era algo que Nina muitas vezes comentara em voz alta, geralmente quando a loja estava cheia de clientes, porque ela não tinha nenhum respeito pelos limites dos outros. — Vou te falar uma coisa sobre essa mulher. Essa mulher uma vez pediu o carro emprestado para o dono da casa onde ela mora e dirigiu à noite no meio de uma tempestade, na véspera de um dia de trabalho, para me buscar em um camping em Derbyshire, onde eu tinha sido abandonada pelo imbecil do meu ex-namorado. Ela é a pessoa com o coração mais bondoso que eu já conheci na vida.

O homem, Johnny, ainda estava de pé. Ele era esguio e alto, alto o bastante para Verity ter de inclinar a cabeça para trás para ver o olhar de consideração que ele lhe dirigiu, como se talvez pudesse haver mais nela do que uma mentirosa atrevida e invasiva.

— Meninas, nós ainda não tivemos a conversa sobre ser exclusivos ou não. Na verdade, ainda nem tivemos um encontro. — Verity havia conseguido despejar duas frases completas sem precisar mentir. Bom, não exatamente mentir. E tudo ficaria bem, porque Johnny se sentou de novo e sorriu, não de má vontade dessa vez, mas de forma relaxada, como se tudo aquilo fosse uma distração divertida do que quer que o estivesse fazendo ficar de cara amarrada antes.

— E acho que agora é um bom momento para essa conversa. Senhoritas, foi um prazer. Tenho certeza de que voltaremos a nos ver logo.

Elas só foram embora quando Verity se virou e lhes dirigiu um olhar que dizia muito claramente: “Estou pensando em pelo menos dez maneiras de matar vocês e fazer parecer um acidente”. Tudo poderia muito bem ter ficado nisso para sempre, mas Posy e Nina estavam na porta, levantando os polegares para ela e movendo os lábios em incentivos como “Vá em frente!” e “É isso aí, garota!”, até que Johnny pigarreou ruidosamente e Verity teve de olhar para ele.

— Olha, eu sinto muito, muito mesmo. Entrei em pânico e não consegui pensar em mais nada — Verity confessou, com os olhos fixos nos dedos, que apertavam com força a borda da mesa. Ela tinha uma mancha de tinta preta no polegar.

— Provavelmente Peter Hardy, o oceanógrafo, sente ainda mais.

— Não existe nenhum Peter Hardy. Escuta, eu peço desculpas, mesmo, e já tomei muito do seu tempo...

— Como assim, não existe nenhum Peter Hardy?

A voz de Johnny era sóbria e precisa, o que era apenas uma maneira elegante de dizer pedante, mas também agradável, como se ele estivesse sorrindo, embora Verity não tivesse condições de confirmar ou negar isso, porque continuava olhando para a mancha de tinta no polegar.

Ela levantou a cabeça. Não tivera tempo antes para fazer mais do que verificar se ele estava inteiro, mas agora podia perceber por que Posy e Nina ficaram praticamente se empurrando para vê-lo melhor.

Quem poderia culpar suas amigas se esse Johnny era de fato muito bonito, de um jeito *Memórias de Brideshead*, ah-sim-eu-faço-fotos-para-a-Burberry-nas-horas-vagas? Tinha maçãs do rosto proeminentes e, se não estivesse sorrindo, os lábios carnudos, sensuais e macios pareceriam definitivamente estar fazendo biquinho. Os cabelos castanhos espessos e brilhantes eram curtos atrás e nas laterais e deixados livres para passear no alto, de modo que ele pudesse jogá-los para trás com frequência, o que chamava atenção para aquelas faces incríveis e os olhos verde-azulados, ou talvez azul-esverdeados, e provavelmente seria uma boa ideia parar de olhar tão fixamente para eles, como se ela fosse um animalzinho da floresta preso na mira. Ele era uma versão adulta dos meninos pálidos e metidos que faziam o curso preparatório de artes na faculdade local e ocupavam os sonhos de Verity quando ela era adolescente. Infelizmente, esses meninos sempre torceram o nariz para seus sonhos, porque ela era uma das cinco filhas esquisitas do vigário e não era bonita o bastante para que a esquisitice não fosse um problema.

Ela também não era horrível, nem por um esforço da imaginação, mas, ainda assim, nunca havia conseguido obter a atenção deles. Diferentemente desse estranho, que esperava sua resposta com um pouco de impaciência, a julgar pelo modo como tamborilava os dedos na mesa.

Peter Hardy, oceanógrafo. Por onde começar?

Bem, ela sempre poderia começar pela verdade.

— Então... há... Peter Hardy nasceu de uma conversa boba com a minha irmã Merry sobre como seria meu namorado perfeito. No fim, tí-

nhamos toda uma história para ele, mas sempre foi só um namorado imaginário, até que as minhas amigas... elas tinham boa intenção, mas, sabe, viviam tentando me juntar com qualquer homem que estivesse disponível ou me inscrever em sites de encontros e, ah, meu Deus, você conhece aquele aplicativo de encontros, HookUpp?

Ele estremeceu.

— Todo mundo com menos de trinta anos no meu escritório está obcecado com isso.

— Fui obrigada a instalar no meu celular, porque era mais fácil do que explicar pela centésima vez que eu não estava interessada em um relacionamento. Então, uma noite, eu deixei o telefone na mesa no bar enquanto ia ao banheiro e, quando voltei, elas estavam dando curtidas em uns caras que eram uns horrores absolutos e de repente eu me ouvi dizendo que já tinha namorado e o nome dele era Peter Hardy.

— O oceanógrafo. — Johnny assentiu com a cabeça. — Quer beber alguma coisa, Very Love?

Ouvir seu nome dito naquela voz de veludo cinza-escuro fez com que ele soasse menos como um cartão meloso de Dia dos Namorados traduzido do inglês para o japonês e de volta para o inglês. Ela suprimiu um arrepio.

— É Verity, na verdade. Meu nome. Mas todo mundo me chama de Very.

Verity devia ter pedido licença e se enfiado em seu cantinho de sempre, mas concordou que gostaria de uma bebida, e Luigi se aproximou tão rápido que eles pediram uma taça de malbec para cada um.

Foi fácil retomar o fio que costurava toda a saga dos encontros de Verity. Ela estava solteira havia três anos, depois de seu primeiro, único e duradouro relacionamento, que implodira de forma espetacular, horrível e dolorosa. Depois de todo o drama com Adam, Verity estava feliz por ficar solteira, mas o mundo não estava feliz de ela estar feliz.

— Não é maldade delas, das minhas amigas. Não mesmo. É só que a maioria delas tem namorado, ou está louca para ter um, e imaginam que eu também quero ser parte de um casal. E, para piorar, elas têm um padrão muito baixo quando se trata de escolher possíveis namorados para

mim. — Ela estremeceu ao se lembrar de um estranho encontro às cegas com um homem que Nina havia conhecido em uma festa e que acabou se revelando o que ele chamava de “dominante em tempo integral” e queria saber se Verity “precisava de um homem em sua vida que pudesse proporcionar um controle afetuoso, mas firme”. Verity ficara sem saber o que dizer, mas, felizmente, seu olhar glacial disse tudo por ela.

— Meus amigos também tentam me arrumar encontros. Não tem sido um grande sucesso — disse Johnny quando as bebidas chegaram. Ele levantou a taça para brindar com Verity. — Saúde. E, a julgar pelas mulheres com quem meus amigos tentam me juntar, parece que eles não pensam muito bem de mim. Geralmente elas são tão novas que tenho vontade de pedir que me mostrem a identidade, ou então são divorciadas amargas. A última queria contratar alguém para matar o ex-marido. Claro que, quando eu reclamo, meus amigos me acusam de ser muito exigente. Eles dizem que eu preciso me casar.

— Foi por isso que eu inventei esse namorado falso. Também é muito conveniente que o trabalho dele exija que ele fique fora a maior parte do tempo. — Verity não podia acreditar que estava conversando sobre seu namorado imaginário com um completo desconhecido. — Eu estou totalmente, cem por cento feliz de estar solteira, mas é difícil fazer minhas amigas entenderem isso.

Johnny apertou os lábios, pensativo, o que causava um efeito encantador em sua boca.

— Talvez você só não tenha encontrado a pessoa certa.

— Eu não quero encontrar a pessoa certa. Tenho um emprego que me ocupa muito, ótimos amigos e um gato extremamente carente. Não preciso de mais ninguém na minha vida. — Verity apertou a mão em volta da taça. — E qual é a sua história? Não imagino que tenha dificuldade para conhecer mulheres.

Johnny baixou a cabeça. Verity tinha certeza de que era para esconder o sorriso satisfeito, mas modesto. Ele devia ter espelhos em casa e saber que era esteticamente muito agradável.

— Não, nenhuma dificuldade para conhecer mulheres.

Claro! Isso era evidente. Agora que não estava mais crucificada no altar de seu próprio constrangimento, Verity podia processar os dados que tinha à sua frente. Nenhum homem poderia ter aquela aparência e...

— Ah, você é gay. Entendo. E não contou para os seus amigos? Sério? Bom, acho que isso não é da minha conta.

— Fico lisonjeado por você pensar assim — disse Johnny, sua voz como arame farpado agora, em lugar das vogais aveludadas. — E você nem perguntou, foi direta em afirmar, mas, não, eu não sou gay.

Verity levantou as mãos para as faces coradas.

— Desculpe. Eu não costumo sair por aí expondo as pessoas... Um dos meus melhores amigos da faculdade é gay. E dois primos. Eu sou super a favor dos direitos LGBT. Eu adoro os gays!

— Fico feliz por saber disso, mas continuo não sendo gay.

Os olhos de Johnny eram de um azul muito definido agora. Como o mar no inverno, tingido de geada e frio. Verity desconfiou de que ele fosse um Darcy. Era muito raro conhecer um Darcy.

Isso provavelmente vinha de ter lido *Orgulho e preconceito* tantas vezes que sabia o livro de cor. Sempre que conhecia pessoas novas, Verity se pegava atribuindo personagens do livro a elas. Tinha conhecido muitas Janes Bennet e Charles Bingley, um número muito grande de srs. Collins, um ocasional Wickham, mas um Darcy era mais raro que um homem solteiro em posse de uma grande fortuna que estivesse de fato em busca de uma esposa. E conhecer um Darcy cara a cara não era tão divertido assim.

Na verdade, foi incrivelmente embaraçoso por dez segundos, até o telefone de Johnny tocar. Enquanto ele o pegava, Verity se deu conta de que não havia nenhuma boa razão para ela ficar e sofrer.

Ela se despediu e levantou depressa, embora Johnny estivesse concentrado em seu celular e não tivesse nem dado sinal de perceber sua saída.

— Pode pôr o vinho na minha conta — ela gritou para Luigi, que ainda não conseguia esconder seu espanto por Verity ter rompido a rotina habitual das noites de sexta-feira pela primeira vez em três anos. E não só isso. Ela também tinha sido vista na companhia de um homem.





*Esta é mesmo uma noite de surpresas!*

Com seus planos de jantar frustrados, Verity voltou para a Rochester Street e o restaurante próximo à livraria para um peixe com fritas pequeno e um potinho de purê de ervilhas para viagem.

— Você poderia levar seu gato também? — pediu Liz de trás do balcão. — Ele está lá no fundo há horas, fazendo um barulho horrível.

— Ai, desculpe — Verity murmurou. Fazia só uma semana que ela havia se mudado para o apartamento em cima da Felizes para Sempre e tinha decidido manter Strumpet dentro de casa pelo menos por um mês para ele se acostumar com seu novo lar e não correr de volta para Islington. Mas, assim que Strumpet percebeu que sua nova casa ficava a menos de cem metros de um restaurante e de uma delicatessen sueca que defumava salmão no pátio dos fundos, ficou mais determinado em seus esforços de escapar. Geralmente ele era o mais preguiçoso e lânguido dos felinos, mas, nos últimos tempos, havia dado para sair correndo por frestas de portas abertas para provar o gosto da liberdade... e de peixe.

O único recurso de Verity fora pregar cartazes ao longo da Rochester Street com uma foto de Strumpet em toda a sua roliça glória, implorando a seus vizinhos: “Por favor, não alimente este gato. Ele está em uma dieta rígida de controle de calorias”.

Strumpet não recebeu a mensagem sobre a dieta. Ele estava na porta dos fundos do restaurante, de pé sobre as patas traseiras (Verity se sur-

preendia por elas conseguirem suportar o restante do corpo), pedindo para entrar.

— O que você está fazendo? — Verity perguntou, mas Strumpet fingiu que não estava ouvindo. Ele fazia muito isso. Conseguia se manter surdo aos pedidos de Verity para que a deixasse em paz e parasse de usar seu rosto como travesseiro, mas ouvia uma fatia de queijo sendo mastigada a vários aposentos de distância, em meio a uma tempestade de raios.

No fim, Strumpet só se deixou convencer a sair dali quando Verity partiu um pedacinho da cauda de seu próprio peixe. Então ela o pegou no colo e o carregou enquanto ele se contorcia furiosamente, seguindo pela rua e pelo piso de pedras da praça onde a Felizes para Sempre, ex-Bookends, ficava havia mais de um século.

A praça, Rochester Mews, tinha realmente dado uma levantada nas últimas semanas. Sim, ainda havia uma fileira de lojas vazias e deterioradas em um dos lados, mas a Felizes para Sempre estava resplandecente com sua nova cara cinza-fosco e rosa-lavanda. Verity ainda não se acostumara direito às pontadas de orgulho no peito (embora algumas dessas pontadas fossem, no momento, as garras de Strumpet) quando olhava para seu local de trabalho e seu novo lar.

Ela não era a única moradora local satisfeita com a mudança de sorte da Felizes para Sempre. Desde que Posy mandara arrumar os bancos de madeira e aparar as árvores da praça, aquele se tornara o ponto de encontro favorito de um grupo de adolescentes do conjunto habitacional próximo, que agora se reuniam nos bancos quase todas as noites para fumar maconha.

Nina perguntara se eles não se importavam de ir fumar maconha em outro lugar, mas, aparentemente, em todos os seus pontos habituais eles corriam o risco de ser vistos pelos pais ou por um professor. Porém concordaram em só se reunir ali depois que a livraria fechasse, e Nina e Verity decidiram que seria melhor ser amistosas e estabelecer uma relação positiva com eles.

— Fala aí, Very. Tá bonita, gata — o menor dos garotos falou, e Verity sorriu de maneira educada, mas nem um pouquinho encorajadora, apres-

sando-se para a Felizes para Sempre, com as chaves apertadas na mão para poder usá-las como arma, caso fosse necessário.

Incomodado, Strumpet ainda se contorcia sob seu braço quando Verity abriu a porta e entrou na loja. Parou um momento para mais uma pontada de orgulho enquanto olhava as prateleiras, algumas das quais ela mesma pintara diligentemente, e inalou o cheiro de livros novos e o perfume constante das velas personalizadas que elas haviam encomendado.

A ampla sala principal da livraria abrigava três sofás em estágios variados de decadência, dispostos em torno de uma mesa de centro que também fazia as vezes de santuário amoroso para Lavinia, sua falecida patroa anterior, exibindo seus livros favoritos (de *A procura do amor*, de Nancy Mitford, a *Riders*, de Jilly Cooper) e um vaso de rosas cor-de-rosa que eram sua marca registrada.

Uma das paredes estava completamente tomada por livros, outra ocupada por estantes vintage cheias de objetos relacionados à literatura romântica, como canecas, as tais velas perfumadas, artigos de papelaria, bijuterias, camisetas, cartões e embalagens. E sacolas. Posy era obcecada por sacolas.

Então, à esquerda e à direita da sala principal, havia arcos que levavam a várias antessalas, cada seção — clássicos, históricos, romances do período da Regência, literatura juvenil, poesia e teatro, até eróticos — indicada em rosa-lavanda sobre a madeira pintada de cinza. E, por fim, nas antessalas à esquerda, portas duplas de vidro davam para o salão de chá.

Ou dariam para um salão de chá dentro de aproximadamente duas semanas, mas por enquanto ainda se tratava de uma obra em andamento e do tormento da existência de Verity — apesar de não ser um tormento tão grande quanto Strumpet, que agora estava em estado de contorção máxima. Ela trancou depressa a porta da livraria e soltou com alívio os nove quilos de um esperneante gato de pelo curto inglês cinza.

— Você é um porre — Verity disse a Strumpet, que passou direto pelo balcão e parou junto à porta que separava a loja das escadas para o apartamento, balançando a cauda e miando impaciente. — Pode miar quanto quiser. Eu não vou dividir o meu jantar com você — Verity declarou, en-

quanto o seguia escada acima. — Vou para a sala e fecharei a porta para não ouvir nem mais um pio de você. Foi um dia cansativo e eu preciso de sossego.

Os miados cresceram em fúria e decibéis. Outras pessoas tinham gatos que eram silenciosos e críticos; Verity desejava ter um gato assim. Resignou-se ao fato de que, quando pusesse o peixe, as fritas e o purê de ervilhas em um prato e se servisse de uma taça de vinho tinto, teria Strumpet no colo, de olho em seu jantar.

Mas, se o gato estivesse comendo, pelo menos ficaria quieto.

Sossego.

Verity parou no alto da escada e respirou fundo. Soltou os ombros, relaxou os braços enquanto deixava o ar sair. Fechou os olhos e respirou profundamente outra vez, inspirando pelo nariz, expirando pela boca, e já podia sentir as tensões da semana e, em particular, os eventos traumáticos das últimas duas horas afastando-se para serem substituídos por uma agradável sensação de calma e tranquilidade...

— OII!!! Eu já fui entrando, espero que não se importe. — A porta da sala de estar rangeu nas dobradiças. — Ah! Está fazendo aqueles seus lances de meditação? Por que está fazendo isso aí no alto da escada? Quer que eu pare de falar? Tudo bem. Você nem vai notar que eu estou aqui.

Verity abriu os olhos e deu de cara com sua irmã. Como sempre, era como se estivesse olhando para si mesma por um filtro extremamente favorável do Instagram. Nosso Vigário e a Esposa do Nosso Vigário, como os pais de Verity eram conhecidos, tiveram a boa fortuna de ser abençoados com cinco filhas. Con, a mais velha, depois Merry, então Verity e, encerrando a fila, as gêmeas Immy e Chatty. Ao contrário das irmãs que haviam herdado o perfil atlético do lado paterno da família, Merry e Verity tinham puxado à mãe. Eram definitivamente mais baixas, mas também mais “esguias”, como dizia Merry, embora Verity considerasse “magricelas” o termo mais adequado. Ainda que sua tia-avó Helen nunca deixasse de lembrar a elas que todas as mulheres do lado de sua mãe ficavam gordas com a idade.

Ambas tinham um cabelo indefinido, nem liso nem encaracolado, que ficava em algum ponto intermediário dependendo do clima, e tendia a

um castanho cor de rato no inverno e a um tom um pouco menos opaco no verão. Tinham grandes olhos castanhos sob sobrancelhas curvas e delicadas, mas Merry parecia mais doce e suave, enquanto Verity já exibía linhas de expressão na testa. Merry certamente sugara até a última gota de segurança e autoconfiança que existia no conjunto de genes, sem deixar nada para Verity, embora o conjunto de genes tenha se refeito a tempo para a chegada de Immy e Chatty. Mas isso não significava que Verity desistiria sem lutar.

— Eu te dei uma chave contra a minha vontade, para ser usada só em casos de emergência.

Merry a olhou com determinação.

— O Dougie está no turno da noite este fim de semana e eu fiquei entediada.

Para as irmãs de Verity, estar entediada *era* uma situação de emergência. Verity sacudiu a cabeça e suspirou.

— Não suspire para mim, Very! — Merry seguiu nos calcanhares da irmã, ao mesmo tempo em que Strumpet quase lhe dava uma rasteira, em direção à cozinha. — Você tem os suspiros mais passivo-agressivos que eu já ouvi — ela acrescentou, enquanto Verity colocava o peixe, as fritas e o purê de ervilhas em um prato, pegava garfo, faca e copo e prendia uma garrafa de vinho tinto sob o braço. — É uma porção bem grande. Posso comer um pouco?

— Não! Eu vou para a sala de estar. Vou fechar a porta e você não vai me amolar por trinta minutos completos. Vamos acertar nossos relógios.

Merry olhou para o relógio e murmurou a hora, mas com má vontade e um beicinho que Verity ignorou. Ela era imune a beicinhos.

— O que eu vou ficar fazendo enquanto você janta e não quer me dar nem um pouquinho, mesmo sabendo que eu ainda não comi nada?

— Você pode usar suas reservas de energia interior — disse Verity, sem nenhuma pena. — Ainda deve ter *alguma*.

Ela fechou a porta na cara ofendida de Merry e na cara ultrajada de Strumpet, pôs o prato sobre a mesinha de centro e desabou no sofá. Era um sofá muito confortável, com uma estampa floral um tanto extravagante.

Verity se estendeu e, mesmo sabendo que sua comida esfriaria logo, fechou os olhos e se desligou de tudo, até do som de Strumpet uivando do outro lado da porta.

A porta de repente se abriu e, um segundo depois, Strumpet aterrissou no peito de Verity, tirando-lhe o fôlego. Merry enfiou a cabeça dentro da sala.

— Posso pegar um pedaço de queijo na geladeira? — ela perguntou, lamuriosa.

— Pode! — Verity respondeu, apertando os dentes. — E leve este gato com você.

Ela não conseguiu inspirar mais que vinte vezes antes de ser interrompida novamente.

— Desculpe, mas é que você pegou a garrafa inteira e eu queria saber se posso tomar um gole de vinho.

A porta se fechou atrás de Merry e da garrafa de vinho de Verity, mas abriu de novo logo em seguida.

— Desculpe! É que eu tenho queijo e vinho, mas agora preciso de torradas. Você tem torradas?

Verity esperneou de puro desespero.

— “Não tem pena dos meus nervos? Está acabando com eles.” — Ela se sentou no sofá. — Entre de uma vez. Era esse mesmo o seu plano.

— “Tenho o maior respeito por seus nervos. São meus velhos conhecidos” — disse Merry, completando a citação de *Orgulho e preconceito* que Verity iniciara. — Posso pegar uma batata?

Verity cedeu ao inevitável.

— Sirva-se. E eu tenho uma notícia triste.

Merry virou para a irmã com a boca cheia de fritas mornas.

— O quê?

— Tive que matar o Peter Hardy. Ou melhor, a Posy e a Nina me pegaram traindo Peter Hardy.

Verity teria preferido remoer seus problemas em silêncio, mas essa não era uma opção, então contou rapidamente as partes mais importantes para a irmã.

— Está vendo? Foi tudo culpa delas — Verity resmungou, infeliz, depois de ter terminado de culpar Posy e Nina por forçá-la a se enfiar no caminho de outro homem.

— Mas, Very, seu namorado falso era só para o período das festas de fim de ano — Merry a lembrou.

Foi a vez de Verity fazer beicinho.

— Um namorado falso não deveria servir para a vida toda, e não só para as festas de fim de ano?

— Mas como isso poderia funcionar? Você teria filhos falsos também em algum momento? Talvez até um cachorro falso?

— Cachorro falso, não. O Strumpet prefere ser filho único — disse Verity, e então ouviram a porta da loja fechar de repente, depois o som de passos ficando mais altos na escada, até que Nina apareceu na porta da sala de estar.

— Ah. Meu. Deus! — ela anunciou, como cumprimento. — Você já conheceu o cara, Merry? Conheceu o cara maravilhoso, chique e sexy com quem a sua irmã está saindo, quando deveria estar apaixonada por Peter Hardy, oceanógrafo?

— Não! — Merry respondeu, animada, fazendo um gesto de desprezo com a mão. — O Peter Hardy já está fora da jogada faz tempo. Mas esse outro cara... A Very está guardando só para ela. Ele é bonito?

— Não só bonito. É gostoso também. E tem uma daquelas vozes graves bem dramáticas. Sabe como é? Voz de cama — Nina disse, enquanto pegava o celular. — Eu consegui tirar uma foto dele. Está um pouco borrada.

— Deixa eu ver! — Merry praticamente subiu por cima da irmã para pegar o celular de Nina. — Ah, que pena que a sua cabeça está no caminho, Very. Você devia ter saído um pouquinho para o lado.

— Vou prestar atenção da próxima vez — Verity respondeu enquanto mastigava, pensativa, uma batata frita murcha.

— Então, pode ir contando tudo — Nina pediu, sentando no sofá e deixando Verity espremida entre ela e a irmã. — Como vocês se conheceram? Ele deve ter chegado em você. Porque você não é bem o tipo de

chegar nos caras. Você lançou aquele olhar indiferente quando ele se aproximou pela primeira vez?

— Acho que vou começar a usar esse olhar indiferente também — Merry interveio, cutucando Verity com o cotovelo e sorrindo como se fosse mesmo muito divertido. — Esse olhar agarrou Peter Hardy, oceanógrafo, e agora esse outro cara. Como é o nome dele?

— Johnny — Nina respondeu. — Eu não costumo gostar de caras com esse jeito refinado, mas abriria uma exceção para ele.

— Eu adoro um cara refinado — disse Merry. — O Dougie na verdade é muito refinado, mesmo que tente fingir que não é. Apesar dos erinhos de pronúncia, ele estudou na St. Paul's e participou do corpo de cadetes.

— Eu saí com um soldado uma vez — contou Nina, enquanto Verity se levantava do sofá: sua presença não era mais necessária. Especialmente porque agora Nina estava contando intimidades sobre seu ex-namorado soldado e um truque que ele fazia com o pênis ereto e um copo de cerveja e Merry estava dando gritinhos de prazer horrorizado.

Ela se espremeu entre as caixas e sacolas no corredor que ainda esperavam para ser desempacotadas e entrou em seu quarto. Aquele era o antigo quarto de Posy e, na época em que era o quarto dela, cada cantinho disponível era coberto de pilhas de livros e roupas. Verity amava muito Posy, mas, como Sebastian havia comentado certa vez, e com razão, ela era totalmente desleixada. Agora, com a maior parte das coisas de Posy fora dali (embora Verity tivesse encontrado uma dúzia de meias desemparelhadas, vários livros românticos cheios de orelhas e uma barra de chocolate comida pela metade que de tão velha tinha virado pedra embaixo da cama) e a maior parte dos pertences de Verity ainda para ser desencai-xotada, o quarto estava vazio, mas mesmo assim era aconchegante.

Havia uma grande janela saliente que dava para a praça e estantes montadas nas reentrâncias de ambos os lados da bela lareira eduardiana de azulejos, só esperando que Verity arrumasse nelas seus próprios livros e pequenos enfeites. Verity tinha uma poltrona enorme que ela e Merry haviam encontrado em uma caçamba de lixo na Essex Road, e gastara um



dinheiro que não tinha para recuperá-la com um novo estofamento de veludo azul-escuro. Era sua poltrona de leitura. Sua poltrona-santuário. Sua poltrona de se-aconchegar-debaixo-de-um-cobertor-e-deixar-que-o-mundo-a-esquecesse.

Verity pegou o cobertor de patchwork que fora tricotado por sua bisavó e se encolheu na poltrona. Apesar de tudo que acontecera naquela noite, inacreditavelmente ainda eram nove e meia. Era fim de junho, com seus dias enevoados e mais longos, o céu lá fora ainda claro. Se aguçasse os ouvidos, podia escutar os risos e gritinhos vindos da sala de estar e o som de vozes se elevando em uma discussão na praça lá embaixo.

Então Verity escolheu não aguçar os ouvidos. Desligou o barulho, a estática. Abraçou os joelhos junto ao peito e tudo ficou em silêncio. Por fim, conseguiu ouvir seus pensamentos, mas escolheu não pensar também, porque, quando o fazia, tudo o que lhe vinha à mente era um homem bonito de olhos azul-esverdeados sentado diante dela, a encarando, talvez até rindo dela.

Nada de bom poderia vir de um homem como aquele.